Pesquisa aponta que religiosidade do brasileiro está em alta

(Não Assinado)

02/05 - 14:32, atualizada às 16:33 02/05

RIO DE JANEIRO – A religiosidade do brasileiro está em alta. Pela primeira vez, em mais de um século, a proporção de católicos parou de cair e se manteve estável entre os anos de 2000 e 2003, atingindo quase 74% da população brasileira. O número de evangélicos continua crescendo (passou de 16,2% para 17,9%) e o das pessoas que não têm qualquer religião sofreu queda de 7,4% para 5,1%. Os dados constam de pesquisa divulgada hoje (2) pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Leia a pesquisa da FGV na íntegra

A pesquisa, divulgada nesta quarta-feira no Rio, foi motivada pelo fato de a proporção do catolicismo ter se mantido estável pela primeira vez em mais de um século no Brasil. O número de adeptos da religião de Bento 16, que visita o País na próxima semana, permanece com 73% da população desde 2000.

A taxa de católicos no País vinha diminuindo desde 1872, teve uma forte queda nos anos 90 e, no início desta década, parou de cair, atingindo 73,79% em 2003, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incluídos na pesquisa da FGV. Já a população de evangélicos cresceu de 16,2% para 19,9% e os sem religião diminuíram de 7,4% para 5,1%.

Para o pesquisador Marcelo Nery, responsável pelo estudo, a chamada "reação católica" pode estar relacionada à melhoria na distribuição de renda entre as camadas mais pobres da população (classe E), que ao lado da elite econômica (classe A) é a mais representativa da religião católica. Segundo Nery, a transferência de renda proporcionada por programas de assistência, como o Bolsa Família, contribuiu para que os mais pobres deixassem de abandonar o catolicismo. "Quando as condições econômicas são favoráveis, as pessoas deixam de procurar novas religiões", explicou Nery.

O estudo também revela que com a crise metropolitana nas últimas décadas, o inchaço das grandes cidades, o aumento da violência e a piora do acesso aos serviços públicos, as igrejas evangélicas pentecostais (Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus etc.) e os sem religião tiveram um crescimento mais expressivo nas periferias. Nery acredita que com o surgimento dessa "nova pobreza", as pessoas seguem em geral dois caminhos. "Ou se apegam a religiões de práticas mais intensas, como as pentecostais, ou perdem a esperança e viram sem religião", disse.

Segundo o pesquisador, o crescimento das igrejas pentecostais nessas áreas (metrópolis) também pode ser entendido como uma forma de ocupar uma lacuna deixada pelo Estado, com desemprego, favelização, precariedade de acesso aos serviços públicos.

Ainda conforme aponta a pesquisa da FGV, as mulheres são mais religiosas do que os homens. De um total de 50 religiões observadas, a predominância feminina foi verificada em 43 delas. Elas são, no entanto, menos católicas do que os homens. Marcelo Nery explicou que com a revolução feminina e a entrada no mercado de trabalho, as mulheres passaram a ter novas necessidades que não foram correspondidas pela Igreja Católica, como o uso de métodos contraceptivos e a possibilidade do divórcio.

Renda e religião

O estudo "A Economia das Religiões: Mudanças Recentes", realizado pela Fundação Getúlio Vargas, revelou que os adeptos de religiões orientais têm renda familiar média mensal de R\$ 5.447. Os espiritualistas têm renda familiar de R\$ 4.220 e os de religiões afro-brasileiras ganham R\$ 3.205. Uma família católica ganha em média R\$ 2.023 e os evangélicos pentecostais, R\$ 1.496.

A renda mensal individual de um adepto a uma religião oriental é de R\$ 962, enquanto que um católico ganha R\$ 298 e um evangélico recebe em média R\$ 206. Os espiritualistas têm renda de R\$ 786 e os sem religião, de R\$ 270.

Segundo a FGV, quando comparados os rendimentos de pessoas de diferentes religiões, mas iguais atributos socioeconômicos, a renda familiar per capita de evangélicos e sem religião é inferior aos dos católicos.

Nas religiões emergentes, a pesquisa revela que a parcela de empregadores está pouco representada. São 11,3% dos

evangélicos, por exemplo. As crenças emergentes têm menor presença na população com pelo menos nível superior incompleto, com 10,3% entre os evangélicos.

/td>